

CARTOGRAFIA SOCIAL DE TRINDADE

A pesca artesanal
da comunidade
tradicional caiçara
de Trindade
(Paraty, RJ)

4



boletim
informativo



CARTOGRAFIA DA
CARTOGRAFIA SOCIAL



CARTOGRAFIA DA CARTOGRAFIA SOCIAL: uma síntese das experiências

Coordenação Geral

Alfredo Wagner Berno de Almeida
Cynthia de Carvalho Martins
Rosa Acevedo Marin

Realização

Associação dos Barqueiros e Pequenos Pescadores da Trindade – ABAT
Cachadaço Bocaina Mar
Fórum de Comunidades Tradicionais Ubatuba-Paraty-Angra dos Reis
Observatório de Territórios Saudáveis e Sustentáveis da Bocaina/Fiocruz/FCT

Apoio

Associação de Moradores de Trindade – AMOT
Associação em Defesa do Povo Tradicional de Trindade

Participantes

Abrahão Rosa de Jesus
Alonso de Jesus
Celso dos Santos
Claudionor Lopes de Oliveira
Deivis Nascimento Oliveira
Edivaldo Cardozo Carmo
Elson Ramos
Fausto Rosa de Campos
Fernando C. F. De Souza (Bifó) – COMFREM
Francisco da R. Guimarães (Chico Pescador) – COMFREM
Izael Mariano
Jacira Brienza Pereira Lopes
Jair Anunciação
Jeremias de Oliveira Rosa
Joel Mariano dos Santos
José Ricardo de Souza - ASPOPRAB
Lindoaldo Almeida (Ney)
Marcela Albino Cananéia – FCT
Maria Guadalupe Brienza Pereira Lopes
Marta da Apresentação
Noé Ignácio Brienza Pereira Lopes
Onildo da Apresentação
Pedro Amorim

Robson Dias Possidônio

Equipe de pesquisa

Anna Cecília Cortines
Natália Cristina Fidelis Bahia
João Crisóstomo Oswaldo Cruz
Mariana de Bem
Robson Dias Possidônio
Maria Guadalupe Brienza Pereira Lopes

Fotografia

Bel Voador (imagem aérea de cerco flutuante)
Eduardo Di Napoli
Jeremias de Oliveira Rosa
Levi Oliveira Leandro
Maria Guadalupe Brienza Pereira Lopes
Natália Cristina Fidelis Bahia

Projeto Gráfico: Philipe Teixeira

Ficha Catalográfica

B688

Boletim Cartografia da Cartografia Social: uma síntese das experiências / Cartografia social de Trindade: a pesca artesanal da comunidade Caiçara de Trindade (Paraty, RJ). – N. 4 (Dez. 2016) –. – Manaus: UEA Edições, 2016.

Irregular.

Coordenação do PNCSA: Alfredo Wagner Berno de Almeida (NCSA/CESTU/UEA, CNPq) e Rosa Elizabeth Acevedo Marin (UFPA-NAEA/PNCSA)

ISSN:

1. Cartografia. 2. Comunidades tradicionais. 3. Pesca artesanal – Paraty/RJ.
I. Título.

CDU: 528.9.912

|| A comunidade caiçara da Trindade fica no extremo sul de Paraty, da divisa da comunidade caiçara do Camburi (Ubatuba, SP) até a divisa da Ponta de Laranjeiras (Paraty, RJ).”

Robson Dias Possidônio

|| Quanto tempo que nós moramos aqui! Quanto tempo que a gente tem nesse lugar. A nossa história é muito rica, muito bonita.”

Jair Anuniação

|| Aqui se chamava Mato Dentro. Lá na Cachoeira é o Pontal. Lá na Praia do Meio, que antes chamava Praia de Baixo. A vila era o Mato Dentro. São três praias ali, Codóis, a Tanqueira e a Banheira. Então aquela região toda era povoada, tinha casa ali a beça. E, para o lado de lá do Caixa d’Aço moravam o João Fêlio, o Pedrinho, o Fausto, Jereo e o Mané Pinho. Tudo ali para cima. Aqui para o lado de cá da Dolores, próximo a cachoeira na Praia do Meio, já morava o bisavô. E veio vindo. Então como tudo ali era cheio de casa, a pessoa não cabia mais ali e veio vindo para cá do Mato Dentro.”

Celso dos Santos

“TRINDADE PARA OS TRINDADEIROS”: UMA HISTÓRIA DE RESISTÊNCIA E LUTA

A história da comunidade caiçara de Trindade é marcada por diversos conflitos pela posse da terra e acesso aos recursos naturais importantes para sua sobrevivência, sempre enfrentados com muita luta, união, organização e resistência.

Com a construção da rodovia Rio-Santos (BR-101), na década de 1970, vieram grileiros e especuladores das terras ocupadas pelos caiçaras. Nesse período a Companhia Paraty Desenvolvimento Territorial S/A (Brascan-Adela) tentou implantar um empreendimento turístico na Trindade, comprando e expulsando violentamente os caiçaras de suas terras. Mas os trindadeiros resistiram e, com apoio de parceiros, recorreram à justiça e garantiram o direito de permanência em parte de suas terras tradicionais, por meio de um acordo assinado em 1982. Esse acordo entre Companhia e Trindadeiros passou a definir a ocupação territorial da comunidade.

E depois veio o conflito com o Parque Nacional da Serra da Bocaina, que começou a proibir e restringir as práticas tradicionais – a roça, a pesca artesanal, os ranchos, e as moradias na Praia do Caixa d’Aço e Praia do Meio.

|| Quando a Companhia entrou aqui e nós estávamos em briga com ela, veio dois tratores e foi ralando tudo aquela parte selvagem. Foi tombando a terra e deixou só o barro puro.”

Izael Mariano

|| Um dia desses, Seu Roberto me contou isso aí que os caras fizeram, me deu uma dor no coração. Eu não sabia. Isso aqui era um pomar, o tio Jair diz que o que tinha de pé de caju, jaca, araçá e abacate.”

Robson Dias Possidônio

|| O povo foi despejado, muitos ficaram na praia, outros foram morar em caverna e outros, como nós, que ficaram na estrada com tudo que era nosso e as crianças. O povo todo. Todo mundo tinha medo que eram 30, 40, 50 jagunços.”

Vera Anuniação, relato do filme “Vento Contra”, de 1979



Foto: Trindadeiros em defesa de seu território nos anos 70

Meu avô faleceu, foi muito forte o impacto da multinacional aqui em Trindade na cabeça dele. Não podia ouvir o barulho do carro, daquela caminhonete, que ele ficava transtornado. Então eles sofriam porque a vida deles era ir pra roça, cortar um cipó, cuidar de uma planta, fazer um balaio, fazer uma rede, fazer uma canoa, cuidar de uma canoa e estar sempre com as pessoas. Quando faziam rede, não faziam sozinhos, tinha os que contavam histórias, os que traziam café.”

Onildo da Apresentação

A comunidade da Trindade era sustentável e era referência para as outras comunidades porque ela tem uma extensão de área. Os moradores da Trindade cultivavam até perto de Laranjeiras, Praia Brava, Alto da Trindade, perto do Patrimônio. Meu avô e os irmãos dele cultivavam até o sertão. Vovô falou que, quando começaram a pavimentar a BR-101 e a estrada pra Laranjeiras, eles tinham plantas até o Patrimônio. Quando começou a chegar a BR e chegou os trabalhadores, muitas pessoas do Norte, formou a vila do Patrimônio. Era um pessoal meio bravo e o caicara daqui foi se afastando e deixando de cultivar as roças pra lá. Tudo era plantado, tudo se colhia, tudo se tinha. E a Trindade, além de produzir alimento, produzia peixe. E, como pegavam muito peixe, todo mundo vinha aqui comprar. Como hoje ainda acontece. E o peixe era escalado, salgado, armazenado e vendido em sacos, levavam de canoa pra vender em Paraty e Ubatuba. A gente comprava o sal, um tecido pra fazer roupa, alguma coisa que não se tinha aqui, mas no geral não se comprava muita coisa, todo o alimento se produzia aqui na Trindade.”

Onildo da Apresentação



Foto: Preparando mandioca para a prensa

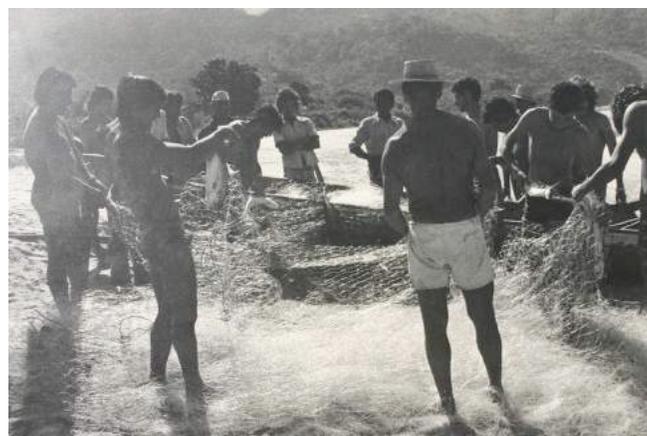


Foto: Pesca do xareu com arrastão de praia

Com a abertura da Rio-Santos (BR-101), pra você vê, não foi culpa nossa. Foi o governo querendo incentivar o turismo nessa área. O turismo chegou, nós abrimos as portas como qualquer um e o turismo entrou na nossa vida como mais uma atividade. Foi a Rio-Santos, nós não procuramos isso. Enfim, veio de uma forma desordenada, sem controle nenhum, passando por toda a comunidade.”

Robson Dias Possidônio

Meu marido sempre me passou que o mais importante era não perder a esperança. Quando eu me casei já existia a luta com a multinacional, então já encontrei todo esse conflito com ele. O Benedito era um caiçara que vivia dentro do seu espaço, um espaço simples naquela vida cotidiana e todo dia os bois da multinacional começaram a fazer parte da própria vivência dele e minha. E, quando a gente conseguiu estabilizar, que a multinacional passou a ser um fantasma, não era mais tão presente, não existia mais os jagunços, as armas, os bois, aí teve um momento de trégua. Foi o momento em que a gente realmente plantou, onde nós tivemos uma trégua para poder cuidar dos nossos filhos que cresceram. Quando eles começaram a crescer, que era a hora de fazer a força, fazer a coisa realmente acontecer, o fortalecimento mesmo, veio a unidade de conservação em cima da nossa cabeça. Aí veio o IBAMA autuar a gente.”

Maria Guadalupe B.P. Lopes

O Parque chegou e desestabilizou nossa vida

A gente começou a ser autuado pelo IBAMA em 1999 quando nós estávamos fazendo a Casa da Cultura caiçara. Aí chegaram os guardas, pegaram meu marido em cima do telhado. ‘É Seu Benedito, daqui para frente o Sr. não pode mais trabalhar’. Exatamente isso que os guardas falaram. Daí ele falou, ‘como pode chegar um governo na minha porta e falar que eu não posso mais trabalhar?’ Ah, primeiro autuaram o rancho de pesca na piscina do Caixa d’Aço. O Parque chegou e desestabilizou nossa vida. E naquele tempo você não tinha noção, não existia políticas públicas, não se falava em populações tradicionais, não se falava em nada disso. Quer dizer, era uma coisa que você não tinha nem como se defender. Então aquilo amedrontou de uma tal maneira o Benedito e nossa família.”

Maria Guadalupe B.P. Lopes

RECEBIDA
03/01/2000
D.12

Paraty, 03 de janeiro de 2000

Para o gabinete do representante do Ibama,
Rio de Janeiro:

Recebi a visita do fiscal do Ibama, Sr. Mário Ivo de Macedo, em 22/12/99, para a averiguar denúncia de construção de um rancho de guardar canoa na área do Caixad'Aço. Sou morador desta praia há 60 anos, desde minha infância pesco neste local de forma artesanal, não preda terra e lenho este local há mais de 30 anos. usado na para pesca sobre vivência de minha família (8 pessoas, até mesmo antes do Parque da Bocaina).

Assim venho através desta recorrer dentro o prazo de 15 dias; quanto ao pagamento da multa nº 087140 sêus 10, lavrada pelo fiscal acm mencionado tendo em vista que as pequenas colunas são de concreto, justamente pela impossibilidade de eu utilizar madeira do meu quintal para reformar o rancho, fato que ocorre a 10 em 10 anos. Portanto venho solicitar uma isenção que o Sr. cancele esta injusta multa e histórico de nossa família e justamente servir a área e o próprio parque, apesar deste não decretado com nossa presença dentro do mesmo, seja minha área reservada Parque.

Benedito Inácio Lopes



Foto 4 – Rancho de Pesca da Piscina antes do Parque

A nossa preocupação é com a nossa cultura. Hoje o nosso grupo está aprendendo a arte de fazer canoa. O seu Vitor é um caiçara que tem 70 anos e ele falou assim ‘Manequinho Bento me passou esse conhecimento e eu não tô passando pra ninguém e isso tá me machucando, isso tá me machucando’. Eu olhei pra ele e falei ‘eu quero aprender também, porque isso vai me machucar também.’ E ele falou assim ‘eu vou ensinar vocês’ e ele tá ensinando. Então eu sei fazer canoa. Eu sei que aquilo ali antes de ser Parque, antes de ser de alguém, nós tava lá, o território é nosso. É de pesca, é de moradia, é de arrancar cipó, é de cortar banana, é do que seja. A área é nossa antes de ser qualquer coisa. A área é nossa, nós estava lá antes. Quantos anos? A vó dele morreu com 120 anos, o Parque chegou em 71, o condomínio Laranjeiras chegou quando? Tá entendendo? Então antes de ser deles, nós não vendemos nada para ninguém. Não é deles, é nosso. Isso daqui é um território tradicional. O território é nosso! Então por isso que eu acho que nós temos que brigar em cima disso. Sabe que eu tenho defendido muito as nossas tradições, a nossa tradicionalidade. Tem que falar que nós somos caiçaras sim, qualquer lugar nós temos que dizer, olha eu sou caiçara e eu sou da comunidade caiçara de Trindade.”

Robson Dias Possidônio

Esses relatos são legais pra gente ver bem a diferença que aconteceu na Trindade, porque muitos questionam o modelo econômico que a Trindade hoje assumiu, mas é que não conhece da onde que partiu tudo. É uma coisa que foi imposta, não é uma coisa que aconteceu naturalmente, porque a Trindade já tinha a rota turística dela, era inevitável com o tempo, mas não teve esse tempo de adaptação. A Companhia invadiu, depois veio o abandono total, onde a comunidade se reergueu novamente e agora veio a questão dos órgãos ambientais, que ao invés de apoiar pressiona mais uma vez. É uma comunidade que está sob pressão há muito tempo.”

Maria Guadalupe B. P. Lopes

Essa área da Praia do Caixa d’áço a gente usou muito até o Parque Nacional chegar aqui. Depois a gente ficou com medo de usar e agora a gente usa mais a área do Morrão e outras áreas altas que estão na APA Cairuçu, é onde a gente tira sapê, cipó e taquara pra fazer tapiti e samburá, madeira para canoa, remo. Essa área tá garantida e que pode, está na APA Cairuçu, onde eles deram autorização pra nós fazermos aquela canoa. E agora essa área tá correndo perigo porque o INEA quer fazer um Parque Estadual. Isso não pode acontecer!”

Robson Dias Possidônio

A Linha do Parque

Quando eles criaram o Parque Nacional da Serra da Bocaina em 71 tinha uma linha. Quando veio o Plano de Manejo da APA Cairuçu definiu o que era Parque para cá e o que era APA do Cairuçu para lá. Ia fazer o plano e colocaram uma linha. Agora, em 2008, o próprio Parque veio e colocou outra linha. Depois vieram e fizeram uma outra linha. Cada hora eles vão chegando mais para lá.”

Robson Dias Possidônio

Com essa mudança toda, o que é da comunidade, eles estão botando para dentro da área deles, que é a cachoeira, é o cemitério, são os pontos de pesca, é o rancho, a peixaria, a estação de tratamento de esgoto, a captação da água da vila.”

Jair Anuniação

A Laranjeiras em 72 era Parque. Ela pediu a revisão e vendeu tudo pra fazerem o Condomínio de luxo e não custa nada agora ela pedir uma nova revisão para Trindade. Escuta bem. Daqui a dois ou três anos, deputados e senadores federais, eles pedem a revisão novamente, a Trindade não volta a ser Parque mais e eles tomam tudo.”

Celso dos Santos

“NOSSAS TRADIÇÕES, NOSSA TRADICIONALIDADE”**“Caiçara é isso...”**

|| Caiçara é isso, é aquele que tá na roça, que tá pescando. E hoje na nossa região chegou o turismo. Como nós estamos no meio do turismo, então nós aproveitamos essa renda junto para poder ajudar o caiçara a sobreviver da área.”

Celso dos Santos

|| Ele não é só pescador ou só agricultor ou só trabalha com turismo. Não! Na baixa temporada, você vai fazer o que? Você vai pescar, vai para roça, vai trabalhar com outra coisa, vai trabalhar fazendo casa, artesanato quem faz, é assim ... Então quer dizer que, nos dias de hoje a gente tem que andar escangalhado pra dizer que é caiçara? Nada disso. O caiçara tem que lutar e dizer eu sou caiçara sim. Por que eu não posso evoluir? Por que o caiçara não tem direito de estudar? Por que tem que morar na casa de barro escangalhada? Eu vou morar na casa de barro porque eu quero morar numa casa de barro. Agora se eu quero morar numa casa de cimento, por que eu não tenho direito? Não tenho o mesmo direito que os outros?”

Robson Dias Possidônio

|| Eu sou caiçara e querem me convencer de que eu não sou caiçara.”

Jeremias de Oliveira Rosa

|| Identidade é tudo... Os trindadeiros querem pescar e não pode, querem fazer isso e não pode. As coisas que são mais ligadas a identidade deles não pode, hoje não tem apoio nenhum.”

Maria Guadalupe B.P. Lopes

|| Tradicional é você manter as tradições. Para mim, você ser tradicional está na sua essência, no que você sabe, nos seus conhecimentos. Que é o que eu aprendi aqui. Isso eu posso ir para China, eu nunca vou perder. Pode diminuir se eu sair daqui, claro que muitas coisas eu não vou conseguir mais lembrar porque eu não vou estar mais aqui, mas aqui eu olho para aquela árvore e eu lembro. Eu olho para aquele mato e eu lembro. Aqui que eu consigo reviver o meu passado.”

Jacira B.P. Lopes

|| As coisas do caiçara é o mar, se você quiser nadar o mar é seu professor.”

Alonso de Jesus

|| Caiçaras são grupos culturalmente diferenciados originários da mistura dos indígenas, brancos e negros, localizados entre a Baía de Paranaguá (PR) e a Baía da Ilha Grande (RJ), cujas relações sociais são estabelecidas por núcleos familiares e grupos de vizinhança. Vivem do conhecimento que possuem do mar, da floresta e dos elementos da natureza (ventos, correntes, marés), associam sua sobrevivência à pesca artesanal, agricultura, extrativismo, artesanato e turismo. Mantêm a cultura viva por meio de suas festas e danças como a ciranda, a folia de reis, o chiba; da fabricação de seus meios de transporte marítimo (canoas, remos e barcos), de ferramentas de trabalho (utensílios de casa de farinha, covos e redes de pesca) e de instrumentos musicais (pandeiro, viola) com recursos da natureza; da culinária típica baseada na farinha de mandioca, peixe e banana; da contação de causos e no modo de falar. Conhecem e dominam a arte de construção de casas de pau a pique e sapê e de confecção de cestaria.”

Lei 1835/2012, que estabelece diretrizes e objetivos para as políticas públicas de desenvolvimento sustentável dos povos e comunidades tradicionais do Município de Paraty



Foto: Corrida de canoa do Festejo Caiçara de Trindade em 2015.

A PESCA ARTESANAL

Falando de natureza, da pesca predatória, da pesca consensuada, no que diz a maré, o vento e a natureza da navegação, essa pesca artesanal é melhor, porque fala um pouco do valor cultural, do valor da alimentação.”

Robson Dias Possidônio

A comunidade do Quilombo do Campinho, a comunidade do Patrimônio. Enfim, todas as comunidades se beneficiam do pescado da comunidade. Desde a época do meu avô, eu conheço o pessoal dessas comunidades. Eles vêm pra cá com chuchu, mandioca, banana verde, farinha de mandioca, com cesto e leva o peixe embora. Então a importância da alimentação não é só pra nós. Da cultura não só pra nós.”

Robson Dias Possidônio

Foi de uns 40-50 anos para cá, que começou o movimento de venda da pesca. O pessoal vendia, o pessoal apanhava aqui e levava para entregar fresquinho. Mas, no passado não, pegava aquelas canoas de rede de peixe naquela barra que tem lá na Praia do Meio, amontoava dentro do rio e deixava lá todo peixe. Aí as mulheres iam para lá ajudar os maridos escalar, para aproveitar para salgar e botava para secar.”

Izael Mariano

A pesca artesanal contribui para a coesão da comunidade através dos mutirões e tarefas em grupo. É bastante importante para as famílias locais e de comunidades vizinhas para a segurança alimentar e o sustento dos pescadores e seus familiares, e complementa o rendimento dos serviços turísticos e de outras atividades.

O cerco sustenta muita gente até fora daqui comendo peixe, que a gente dá peixe, o pessoal daqui come. Mas, mesmo assim não é a pesca principal não porque o Deco pesca, o Izael pesca, o Abinho pesca, o Nem pesca, o Fiafã pesca, o Dico pesca, o Durva pesca, o Paulo pesca, o Alonso pesca, o Claudionor pesca, o Celso pesca, o Zé, o Vitor. Então têm vários outros tipos de pesca.”

Robson Dias Possidônio

Quando a gente sai pro mar na calda dele, a gente vê aonde vai dar porque tem várias costeiras - Costa Verde, Caxambu, Itaiá, Porto Velho e Cepilho. Só pra gente ter uma ideia, pesca com espinhel, com rede boiada, rede de fundo. Aqui a gente faz vários tipos de pesca, dependendo da época do ano e dos peixes - além desses que falei tem o cerco, rede de espera de superfície e de fundo, zangareio, caniço, rede de bate, rede de gancho, arrasto de praia, linha e anzol, picaré e extração de marisco.”

Robson Dias Possidônio

A pesca de cerco flutuante

O cerco é uma adaptação japonesa pro cerco fixo dos índios. É uma cerca de madeira meio alta fazendo um círculo, e os japoneses adaptaram. É uma forma diversa pra ficar com peixe vivo. Então o que a gente faz, a gente vira a rede e o peixe vai todo embora nadando. Essa rede aqui, os índios e os japoneses já inventaram coisa boa, essa aqui é a melhor porque nos dá a possibilidade de pegar o peixe vivo, olhar pra ele e falar ‘não, vai embora’, escolher o peixe que quer.”

Robson Dias Possidônio

Você lembra quando o primeiro cerco que apareceu na Trindade?”

Robson Dias Possidônio

Eu devia ter mais ou menos uns 9 ou 10 anos. Foi um cara, o Júlio, era lá da Picinguaba. Aí depois o Dito e o tio Antônio, que tinham rede de tainha, eles juntaram aquela rede de tainha e foram no Sono para o Nicolau cortar um cerco para eles. Porque o Nicolau tinha aprendido com os japoneses lá da Ilha Grande. Ai os japoneses cortaram o cerco para eles. Esse cerco, meu amigo, era o que fazia peixe.”

Jair Anunciação



Foto: Imagem aérea do cerco flutuante

CARTOGRAFIA SOCIAL DE TRINDADE

A pesca artesanal da comunidade tradicional caiçara de Trindade (Paraty, RJ)

Um cerco, pra ter ideia, a gente precisa de em torno de 6 mil reais ou mais, a gente fazendo, construindo a mão. Aqui é a Baía do Caixa d'áço, a gente fala 'o peixe coivara'. Eu coloquei o cerco aqui, porque aqui tem uma proteção. O vento ruim pra nós lá é o sudeste. O sudeste levanta o mar e a gente não sai da praia. Então isso aqui vai ser frente e é disso aqui que eu vou falar. As ondas estão aqui, e aqui desse lado tem o Cepilho, Ponta da Trindade e Ponta da Galetas, isso aqui a gente entende como Trindade. Nosso território de pesca, a gente pesca do Camburi até Laranjeiras que passa pela Ilha das Peças, o Lageado, Praia Brava. O nome dela porque, quando o mar tá bravo, nem surfista consegue entrar, nem no Cepilho mesmo. Então, esse pedaço ao sul e esse ao norte a gente não consegue pescar de maneira alguma com o cerco com o mar virado. Na época do verão, na época de peixe também, época do turismo, época do mar calmo, da água clara, mar quente, tudo bom. O verão, são aproximadamente três a quatro meses - é dezembro, janeiro, fevereiro e março, a gente consegue pescar aqui."

Robson Dias Possidônio

Aqui dentro dessa baía toda do Caixa d'Áço, pega da ponta da Cabeça do Índio e vai até lá na Ponta do Leste. Aqui está 90% da nossa pesca. Aqui é o estilo de rede que a gente pesca, que é o cerco, devido ao lugar mais abrigado que não entra ressaca. E aí é aonde o Parque quer tirar a gente. Fala que não pode mais pescar porque é Parque."

Noé Brienza Lopes

Tem também dois pontos de cerco aqui na Ponta da Laranjeiras, que a gente chama Ponta da Galeta. Na parte de terra chama Córrego Seco. É onde pesca particularmente mais peixe. Aqui é o nosso cerco, do Oratório, que fica na Ponta da Galeta."

Lindonaldo Almeida

É, mas também não é só isso, né? Pesca hoje em dia, pra você viver só dela já não vive mais. Eu pesco porque eu gosto. Porque você dizer, que é 'ah é uma coisa que me dá dinheiro', não dá. Às vezes que eu dou sorte ainda você pega um peixe, ainda você ganha um dinheiro. Ainda assim é quase metade da minha renda. Mas, se eu vier a ter um filho, se eu tiver a minha família, eu já vou ter que agregar outras coisas. O cerco exige um número de quatro pessoas, são quatro pais de família. É uma rede pesada, às vezes você coloca e você não pega nada a reada inteira... Sabe, aí tem trabalho de você tirar, aí você tem que arrumar ela. Então tá difícil!"

Noé Brienza Lopes

Quem pesca hoje corre o risco de ficar sem luz em casa, corre o risco de ficar sem uma outra coisa que a gente não pode coletar, né? E aí a gente tem que comprar ou ficar sem. Quem fica na pesca tem dia que tem prejuízo. Mas, é mais do que isso pra nós, é aqui dentro do coração. É uma coisa que não tem como falar 'ó, você tá enxergando verde mas, é roxo!'. Não tem como eu entender, não tem como eu aceitar que eu tenho que deixar de fazer isso aqui na Baía do Caixa d'áço. Eu falei pro Benedito porque o peixe entra nessa rede aqui, essa rede não tá tampando a frente do outro? Meu filho, são dois caminhos de peixe. Um tá aqui, o outro tá aqui. Então isso é um conhecimento que não é com qualquer pessoa que poderia estar. É um conhecimento vindo dos mais velhos. Então como o outro lá da frente vai saber disso se eu parar de pescar? A gente não pode se livrar da área de pesca da Baía do Caixa d'Áço, porque a gente pescaria três meses dos doze que temos possibilidade de pescar."

Robson Dias Possidônio

Não é o pescador artesanal que destruiu, que acabou com o peixe do mar. Uma rede aí, vamos supor, a gente leva uns cinco anos pra matar 100 toneladas de peixe. Um barco desse grande, em questão de duas horas, ele mata 100 toneladas. Se ele achar o cardume inteiro, ele mata. Ah, isso já faz tempo. Não é de agora isso não. Agora veio só aumentando os barcos. Assim, as aparelhagens. Na época do meu pai, os barcos de pesca não pescavam o mês inteiro. Mas, por que? Porque não tinha o sonar, então eles pescavam nos dias que não tinha lua. Porque aí você, a noite com o barco, você via as ardentias, com o movimento do cardume. Aí você sabia que estava ali tal peixe, aí você ia e cercava. Quando tava chegando a lua cheia já não dava mais pra eles pescarem, porque aí não dá mais pra você ver as ardentias com o clarão. Então era a época que eles vinham pras suas casas ficar com a família, ficava uma semana com a família em casa, porque era o claro. Agora não tem mais isso, agora é dia e noite. É lua, é tendo lua ou não tendo, por causa do sonar."

Noé Brienza Lopes



Foto: Pesca com cerco flutuante

“O início da pesca do caiçara é a linha”

A gente pesca de linha em toda área aqui desde a Praia Brava, lá da Galetas para cá, até a Praia do Camburi. Eu já pesquei até pra lá do Camburi, pra lá da Cabeça do Índio, como chama a costa lá, a Cachoeira da Escada, Costão Preto, lá no Moleque, que fica do costão para lá. A gente pescou por lá tudo, a gente ia pela costeira assim, entrava no mato ali no Caixa d’áço, descia a picada, a trilha e saía na costeira, lá nas pedras.”

Izael Mariano

A pesca de linha é o início, depois você vai aprender com rede, mas o início da pesca do caiçara é a linha. É mais pra você comer um peixe, porque na pesca de rede, você tá quase sabendo o peixe que corre, você vai pegar sororoca, um carapau, uma anchova, é de peixe de correr. O peixe de linha é um peixe qualificado, você vai pra pegar aquele tipo de peixe. Eu quero pegar uma garoupa, eu vou pegar minha linha e vou matar uma garoupa. Se eu vou encima da pedra, quero matar um pampo, um sargo, eu vou diretamente pra pescar aquele peixe, vai levar a isca certa pra matar tal tipo de peixe. A garoupa é um peixe pra comércio, é um baita dum peixe, você ganha um dinheiro. Agora peixe de linha ou de pedra você vai matar um peixe pra se comer, então você vai pegar tatuíra, vai pegar o guaiá da costeira, o sacuritá, pra você matar tal peixe. O sargo, o pampo, peixe de linha encima de pedra, é um peixe mais pra você comer, pra alimentação, pra você fazer um pirão, essa qualidade de pesca. Você vai lá matar o peixe que cair na sua linha, você vai pegar só o peixe suficiente pra você fazer um rango pra sua família e vai embora. Uma pesca artesanal que você vai escolher o peixe que você quer, porque peixe pequeno você vai soltar, você quer um peixe grande pra fazer um pirão. É uma pesca legal essa de linha. Pesco até hoje, quando quero pescar um peixe, pego meu caiaque, salto na ilha, ancoo o caiaque e pego minha isca do samburá. Eu ponho numa sacola plástica meu caniço, ancoo o caiaque, caio na água e subo na ilha a nado, lá eu sei onde tá o pargo, sei onde tá o sargo, os pescueiros mais certos que estão lá.”

Alonso de Jesus

Hoje aqui a pesca de linha tá muito fraca. Não existe mais aquela fartura que tinha de pescado. Você pesca, mas encontra muito pouco peixe. No passado não, no passado chegava aqui, em qualquer lugar você pescava bastante peixe. Era garoupa, anchova, cação, sororoca, espada, pampo, sargo, marimba, piragica. Tudo isso era peixe que dava aqui para nós. Galo, palombeta, tudo peixe, obeba. Vinha de rede de pesca também. O pessoal mesmo de anzol matava lá no meio do mar, lá fora de canoa. Nas pedras aqui, matava sargo, garoupa, matava pampo, piragica, esses eram peixes de pegar em cima das pedras. Salema, marimba, tudo esses peixes pegava. Sambalo, que a turma chama também de outros três ou quatro nomes. É sambalo, é Santo Antônio, é Casaco de Ferro e é ... o outro esqueci agora. Então esses peixes tinha muito no passado. Agora você não encontra não. Hoje você nem com uma rede está encontrando mais para cercar e, se vem alguma é lá fora, lá fora no cerco só que pega. Mas, na beira das praias não chega mais.”

Izael Mariano



Foto: Pesca de Linha

Pesca da Tainha

A tainha aqui antigamente dava lá na Praia da Figueira, que chama Praia dos Pelados. Agora não existe mais, mas era uma praia, aí no mapa também não entrou porque não existe mais. Tinha uma praia pequena também, uma praia que tinha uns 50 ou 60 metros de tamanho, mas era praia que o pessoal matava muita tainha. O pessoal chegava lá, aonde ficava na Laje do Furado que ia para fora, nos Trinta Réis, aonde a tainha chegava. Quando chegava essa hora da noite, o pessoal ia espiar ela para cercar para terra, para praia. Aí quando chegava a hora da noite, ela saía. As canoas chegavam lá, cercavam pra botar pra terra e já arrastava naquela praia. O que cercasse, matava. Hoje não se faz isso mais, porque não tem mais como matar. Primeiro, aqui a mesma coisa na Praia de Fora, você começava a matar tainha lá no canto da praia até aqui assim, a tainha chegava por aí tudo. Hoje não tem por causa da luz, ela se espanta com a claridade da luz, então ela atravessa lá para Praia Brava, porque lá não tem luz. Então ela vai e fica por lá. Aqui não para mais, é muito difícil.”

Izael Mariano

Ah, e também tem muita construção na beira de praia. Isso aí afeta pra gente, também. Esse turismo em massa aqui afeta. Antigamente, igual aqui, chegava a época da tainha, a tainha é um peixe que ele é esperado pelo litoral brasileiro inteiro. É um peixe que mexe com todos os pescadores porque é um peixe muito difícil de ser pescado. Aqui é um lugar que, os antigos falavam que a Baía do Caixa d’áço era o lugar que a tainha saía do sul pra vir pra cá, porque a tainha é um peixe que vem do sul e vai subindo costa e vai até o norte. Nossa, aqui dava muita tainha. Hoje em dia chega a época da tainha, não fica uma tainha aqui, porque? Na época da tainha não tinha esses barcos pra lá e pra cá, não tinha surfista na água, não tinha nada disso. Hoje em dia como que vai encostar um peixe aí? Não encosta mais. A luz espanta, o barulho, o som, essas coisas.”

Noé Brienza Lopes



Foto: Pesca de tainha



Foto: Trindade unida na Pesca da Tainha

Agricultura e Extrativismo

Trindade era um pomar, nascia tudo, tinha muita fruta, mandioca banana, alfavaca, laranja, amora, plantas medicinais tinha muito, foi acabando.”

Elson Ramos

Nossa, o fruto do maracaru é uma delícia, puxa vida. Ele é como um kiwi, só que ele é vermelho por fora. Aí tu abre ele e tem uma polpa com sementinhas pretas, parece um sorvete, meio azedinho. Tem muito aqui nesse costão do Caixa d’Aço.”

Onildo da Apresentação

Na minha infância, com cinco irmãos, a gente já ajudava a plantar. Bater, colher e plantar feijão, fazer tudo isso, sabe? E as plantas? a diversidade de cana, de plantas que existiam, porque é muita coisa, se perdeu tudo. Lá na roça do meu avô tinha mais de uns seis tipos da cana, vários tipos de batata doce. Milho tinha vários tipos. E fora que era tudo bem rudimentar que eles faziam: melado, rapadura, conseguia fazer um monte de coisa. Eu lembro de coisas ainda que eu adorava comer, aqueles inhames, carás do roxo, batata. Nossa o café era maravilhoso, eu ainda tenho o sabor disso. Eu vivi isso, peguei pela rebarba mas, eu vivi isso, eu vi as roças. Era roça da Cabeça do Índio a Praia Brava, alto da Trindade, e eles trocavam mudas, plantas, e se sustentavam. Acabou porque os gados da Companhia comeram todas as plantações, era uma forma de enfraquecerem a comunidade, de acabar com o único meio de sustento que sobrava naquela época, junto com a pesca. E agora tem os órgãos ambientais também. Eu lembro do canavial que tinha lá no Caixa d’Aço, na roça do Seu Martim, às vezes dois, três moleques não conseguiam chupar a cana inteira de tão grande que era a cana. Tanta fartura, era uma riqueza.”

Onildo da Apresentação

Acompanhei um mutirão numa roça aqui no Caixa d’Aço que o Benedito fez, tinha mais de 15 homens trabalhando com ele. Em dois dias, eles colocaram a roça em ponto de plantio, era gente ajudando, a criançada tudo plantando, um fazendo o lugar das sementes, vinha outro plantando, e a gente era induzido também a plantar com eles, eu alcancei esses mutirões.”

Onildo da Apresentação

A madeira que você corta, ela só vai brotar, não vai morrer. Mas, o IBAMA diz que se você cortar vai atrapalhar, ele tem que ter visão dessas coisas. Agora se chegar e devastar ou descascar, aí não brota mais, aí vai morrer. Porque a tendência dela é secar né? A gente tem muito conhecimento disso porque a gente trabalha na roça, na mata há muitos anos. Então, nós derrubávamos um pé de pau aqui, daqui a pouco já limpava e voltava lá já estava tudo brotado outra vez, tudo fechado. Porque a natureza vinha de baixo para cima. Tudo na natureza é lá em cima e Deus ajudando a produzir.”

Izael Mariano

Você corta uma taquara, daqui mais uns três meses está brotando todinha. Mas, se você não cortar ela vai morrer porque você não tirou as velhas, aí o mato vai fechando, fechando e a taquara não tem força pra sair. Então ela vai morrendo, a natureza em vez dela profilar, ela vai morrer porque quando você corta o broto vem. Igual o sapê, está vendo só! Se você deixar o sapezal aí, eu cuidei muito de sapê na minha área lá em cima. Eu tratei muito do sapê e aproveitei muito sapê. Aí depois não pude queimar mais porque o IBAMA não deixava queimar. Tá lá, morreu tudo, não aproveitei mais nenhum feixe de sapê. Então quando você queimava, aquilo ali dava força para o sapê. Aquela cinza caia ali, então aquele sapê saia forte. Você não podia queimar todo ano não. Todo ano se queimar enfraquece ele também, mas, queimou esse ano, passou ano que vem, já no outro ano pode queimar. Então o IBAMA não deixou mais mexer com queima.”

Izael Mariano

Artesanato

A gente aprendeu o artesanato com nossos tios e com nossos avós. E o artesanato é o mesmo, quem aprendeu, aprendeu. E quem não aprendeu, tem que aprender né? O artesanato vem do cipó, vem da taquara, vem da madeira, tem a canoa. Tem o tapiti de fazer a farinha, a peneira de peneirar a farinha. O samburá que a gente faz para pescar para botar isca. A maior parte eu faço, tem uns que eu não aprendi não. Os mais difíceis eram o tapiti e o balaiá tapado. É um artesanato que vai um montão de palha, é meio complicado de fazer. São poucas as pessoas que fazem na Trindade aqui hoje. Tem o meu pai, o Leoné, Adinho e o Izael. Tem quatro pessoas que fazem esse tipo de artesanato porque o negócio é difícil. Eu também nunca sentei com meu pai para querer aprender né? As outras coisas, a gente aprendeu vendo porque os caras não ensinavam nada não. Os caras não ficavam ‘oh, meu filho, é assim, assim e assado!’. Não, você tinha que ficar olhando remendar a rede. Você ficava olhando os caras fazer. Antigamente não tinha essas agulhas plásticas, então eles, o Vitor fazia as agulhas. O Vitor era e ainda é o mestre!”

Alonso de Jesus

O artesanato que a gente fazia era gamela, cesta, samburá, tipiti. Tipiti, samburá, peneira, isso tudo era da taquara do mato. O bambu não dá para fazer. Gamela é de madeira. É uma gamelinha assim para botar peixe, para salgar o peixe e até para botar alguma coisa para secar que nem café. Colhia muito da roça. Então a gente botava ali pra aquilo

CARTOGRAFIA SOCIAL DE TRINDADE

A pesca artesanal da comunidade tradicional caiçara de Trindade (Paraty, RJ)

não apodrecer e pra secar. Antigamente para comprar vasilha assim, esse negócio de plástico, era difícil e também não existia quase dinheiro. Então a gente fazia do mato essas vasilhas. E a cesta era para pescar, andar na costeira e na roça pra apanhar as coisas. O samburá é redondo e a cesta é comprida. O samburá também faz de taquara, mas a gente fazia mais de timbupeva e imbé. E a cesta e a peneira a gente faz mais de taquara. Das outras coisas não dá a peneira. Até que timbupeva dá peneira, mas gasta muita coisa para fazer. Então isso a gente fazia para o uso da gente. E remo fazia também.”

Izael Mariano

O legal que o pessoal fazia todos esses artesanatos, mas era para uso. Então fazia muito, quem não fazia encomendava para o outro. Mas, era tudo para uso.”

Robson Dias Possidônio

Quem não fazia, os caras mandavam para outras comunidades. Como o cara não sabia, fazia aqui e mandava para lá. Trocava com alguma coisa, não era vendido.”

Alonso de Jesus

Meu avô contava que tem uma parte na BR-101 pra cima do Patrimônio, um vale bem grande, eles saiam de madrugada para cortar o imbé. Lá as árvores eram grandes e por isso as cordas de imbé eram grandes. Uma pessoa só trazia um feixe então eles iam em dois ou três, também por causa das onças, dos bichos. Traziam pra cá e faziam as cordas do cerco, eram firmes. O Noé achou a pouco tempo uma corda dessas bem forte, acho que tem uma lá no rancho da ABAT.”

Onildo da Apresentação

A corda de taquara e a corda de embaúba era usada na rabeca, fazia a corda do arco da rabeca e a corda da rabeca, e também se usava pra rede esses fios. Agora o que eu acho impressionante é o fio de aticum. Aticum é uma palmeira da Mata Atlântica. Não é muito grande, ela tem espinho, também dá uns coquinhos bem pequenos, azedinhos quando eles estão ainda no pé. Depois eles ficam roxos, fica tipo uma uva roxa, fica doce, aquela polpa doce. É uma palmeirinha que tem aqui perto do rio. Então se cortava essa folha e desfiava toda. E aí pra produzir o fio, pegava a folha, quebrava a folha de um jeito que você quebrava a fibra da folha. Aí a hora que você quebra, ela abre. Aí puxa e as fibras ficam todas assim. Pega e separa as fibras das folhas, encoxa elas e faz um fiozinho. E faz um monte desse tamainho, depois quando tem um monte já, eles pegavam e juntavam dois pedacinhos desse em um só. Juntava tudo em dois e emendava. Por que eles emendam? Essas fibras, eles emendam de dois em dois, quatro... Aí eles iam enrolando e fazendo os bolinhos de fio, faziam vários desses. Aí eles iam emendendo de um em um, e quando eles viam que tinha um saco bom, que já dava pra fazer umas vinte braças de rede, eles começavam a rede. Primeiro faziam todo esse fio pra depois começar a rede de pesca.”

Onildo da Apresentação

A construção do cerco mesmo, eu considero que é um artesanato também. Aqui na Trindade não tinha ninguém que cortasse o cerco e aí tinha Seu Alziro do Sono que cortava. O pessoal ficava aqui, ‘ah vamos lá buscar Seu Alziro’. Quando ele estava mais velho, ele já passou a bola. Quando ele cortou o do papai, eu era mais moleque. Mas, quando ele cortou o meu, eu fiquei fazendo umas perguntas e ele me deu uns toques que são fundamentais. A única coisa mesmo que você precisa saber, ele me falou num dia, no outro dia eu cortei um cerco.”

Robson Dias Possidônio

Hoje a gente só faz pro consumo da gente. Eu faço pro meu consumo, eu vou no mato, preciso de um samburá, vou lá e faço. Se alguém me encomendar eu faço, o cara que não sabe fazer eu faço. Eu sei onde que tá o cipó, você vai no mato pega o cipó certo, o que tá velho, o novo você deixa. A gente chama a mãe do cipó, ela você não pode cortar, você tem que cortar os filhotes dela que já estão velhos, os novos vão ficar lá pendurado pra envaidecer pra depois você cortar. Porque você corta um cipó novo, bota no samburá, pega uma chuva e já tá podre.”

Alonso de Jesus

Sem contar que apodrece rápido e você tá matando a touceira, porque tá matando o filhote.”

Robson Dias Possidônio

Só que hoje até para fazer remo não dá mais porque o pessoal não deixa cortar madeira. Uma cultura que a gente tinha que a lei do IBAMA cortou, essa cultura de você fazer remo. Eu fazia muito remo pra usar e pra vender pras pessoas que precisava. Fazia seis, doze remos e vendia. Mas, depois entrou essa lei do IBAMA de não poder mexer mais nas matas, nem cortar madeira grossa. Dava para rachar ao meio, dava para fazer duas madeiras. Aproveitava uma madeira para fazer dois remos. Eu também fiz quatro canoas. Meu sogro me ensinou a fazer uma canoa e depois as três eu fiz mesmo por minha sabedoria. Peguei, aprendi e fiz. Mas, também depois não fiz mais porque o IBAMA não deixou mais cortar madeira. Aí a gente já não teve mais como mexer na mata. Madeira pra canoa tem que ser madeira grossa. Nós levávamos duas ou três horas para derrubar um pau de canoa de uma braça e meia ou duas braças de roda. Sabemos fazer, mas não podemos mexer. A liberdade que a gente tinha de cortar madeira no mato, não tem mais. Você vai lá tirar um cipó também, se o IBAMA vê já vai prender você até para tirar cipó do mato. A gente fica com medo de mexer nas matas. E a cultura do passado está acabando porque os meninos de agora não vão aprender nada disso.”

Izael Mariano



Foto: Confeção de canoa

Folia de Reis e Chiba

Música da Folia de Reis

Quando eu aqui cheguei... Ah! Quando eu aqui cheguei... Ah!
Na beira do seu terreno... Ah! Quando eu aqui cheguei... Ah!
Para tocar e cantar... Ah! Para tocar e cantar, peço licença primeiro... Ah!
Peço licença primeiro... Ah! Peço licença primeiro... Ah! Ahhhhhh
Lá no céu cantou um galo... Ah! Lá no céu cantou um galo, o da terra respondeu
O da terra respondeu... Ah!
Todos eles anunciaram. Todos eles anunciaram.
Jesus Cristo hoje nasceu... Ah! Jesus Cristo hoje nasceu... Ah!
Os três reis quando partiram. Os três reis quando partiram.
Pela parte do oriente... Ah! Pela parte do oriente... Ah!
Perguntaram de repente. Perguntaram de repente.
Onde nasceu o Messias. Onde nasceu o Messias... Ah!
Rei Herodes respondeu... Ah! Rei Herodes respondeu, procurai na profecia.
Procurai na profecia... Ah!
Acendei a vossa luz... Ah! Acendei a vossa luz... Ah!
Vossa casa clareou. Vossa casa clareou... Ah!
Meu Senhor vai dá licença... Ah! Meu Senhor vai dá licença... Ah!
Que nós já vamos se retirando. Que nós já vamos se retirando... Ah!
O galo já está cantando. O galo já está cantando... Ah!
O dia já vem raiando... Ah! O dia já vem raiando... Ah!

|| Tinha uma capelinha, onde eles faziam a Folia de Reis, saía de lá do Caixa d'Áço. Então iam todas as pessoas pra Folia de Reis, aí a folia vinha, vinha... E a tradição da Folia de Reis é assim, ela vai de casa em casa anunciar que Jesus Cristo nasceu.”

Maria Guadalupe B.P. Lopes

|| A folia sempre começa dia 25 de dezembro, que é o nascimento de Cristo, é aquela coisa, aquele ritual todo, aí você canta uma noite, canta duas, três e canta nas casas que tem que cantar. Depois é dia 6 de janeiro, que é dia de Reis, e o último dia da Folia é dia 20 de janeiro, que é quando encerra.”

Elson Ramos

Tem as ofertas que fazem, você chega na casa do folião,, faz a Folia e o cara recebe com aquele ritual. Na época dos antigos era tudo diferente. O Reis tem a oferta que faz, então a gente cantava na casa da pessoa, ela dava cacho de banana, uma dúzia de ovos, melancia... ofertava todas essas coisas da roça. Hoje faz oferta dando dinheiro, tem muitas casas que recebem você com uma ceia, um ritual, um vinho. 'Ah, a Folia vai passar hoje, deixa eu ter um vinho aqui, um queijinho, um salgadinho pros foliões'. A Folia chega, canta, manda entrar, canta mais uma vez, e toma um vinhozinho, uma passa, umas coisas ali. Aí já vamos embora pra frente pra próxima casa."

Elson Ramos

Tinha também a troca de Folia, por exemplo, a Folia de Trindade ia pro Camburi, a de Camburi vinha aqui, do Campinho. Trocava, tinha noites que cantava na comunidade deles e outras eles vinham cantar na da gente. Camburi, Sono, Campinho, Trindade, Patrimônio, todas essas comunidades tinham Folia, e aí nessas épocas tinha troca, era muito forte."

Elson Ramos

Essa casa de festa, ela é importante porque confraternizava com outras comunidades também, eles vinham se encontrar aqui e eram três dias de festas. Tinha toda uma preparação durante o ano pra festa funcionar. Se colhia gordura de peixe e de caça durante o ano pra acender as lamparinas de gomos de bambu ou de taquara cortado, que colocava pra iluminar a trilha até a casa da festa. A bebida, era o dono da festa quem passava com a garrafa de aguardente e oferecia um calicezinho, não podia ficar bêbado, se ficasse bêbado era tirado da festa. E aí vinha gente do Corisco, do Camburi, Pinguaba, do Sono. Minha avó dizia que vinha gente pela serra, as pessoas vinham pelos caminhos. Não vinham pelo caminho de hoje, porque eles estavam tudo por aí, pelo morro e tal, pelo outro lado, porque toda essa vegetação que se vê era roça, só não no cume da serra. Então era tudo limpo, na floresta tinha muito caminho que interligavam as comunidades."

Onildo da Apresentação

Tudo era confeccionado para a Folia de Reis, os tamancos, os instrumentos e as cordas. Tem uma música caiçara que fala 'aprendi tocar viola na viola de taquara... tudo meio embolado, cirandado', versos de ciranda. E era tudo assim, corda de taquara, corda de embaúba. Meu avô ensinava que você tira a entrecasca da planta da embaúba pra tirar o fio que vai virar corda. Você não corta a madeira, você só faz um talho, levanta a casca e acha a entrecasca, aí puxa e sai um fio. Por isso a planta não pode ser muito adulta se não ela enverga, já tá ressecada, tem que ser uma embaúba mais nova. E isso tudo é um preparo, eles tiravam isso já preparando outras coisas para pesca. Eram colhidas essas entrecascas, deixadas na água para ficar mais maleáveis, depois eram coxadas e tinha toda uma técnica."

Onildo da Apresentação

O Reis era tocado em casa em casa, mas não tinha luz. Então, até no Reis tem um verso que fala 'ascendesse a vossa luz, vossa casa clareou'. Aí o cara ia, acendia a lamparina. Hoje você vai tocar, você chega numa casa tá aquele monte de luz. Era assim, ia só os foliões, chegava nas casas e tava todo mundo dormindo, era um silêncio. É o que eu vi quando o meu pai era vivo."

Noé Brienza Lopes

O Reis é uma tradição, mas hoje o Reis já é uma coisa mais difícil de fazer porque quando chega a época de fazer a Folia de Reis é época de temporada, aonde Trindade está lotada, todo mundo trabalhando, os foliões quem tá no mar tá, quem tá no restaurante, quem tá em camping, todo mundo tá em atividade. O Reis chega na casa da pessoa, faz o Reis e aí a família que lembra segue. Aí ali outros vão seguindo. Cada lugar que você passa muita gente segue o Reis. Vai seguindo, aí vira uma multidão. Mas é o que eu te falo, aquela época era uma multidão de povo da terra, hoje é uma multidão de turista junto. Mas a gente faz até hoje essa tradição, porque ela é uma das coisas mais bonitas que ainda tem em termos de cultura."

Elson Ramos

O Reis não é uma coisa que o pessoal fica te ensinando, 'ah, cantar Reis é assim'. Não, você que tem que ir atrás dos foliões e foi assim que eu aprendi. Nessa geração de hoje você não vê isso. O cara acompanhar pra aprender a pegar isso. Então é como a gente fala, muitos lugares foram acabando por isso, as outras gerações não foram pegando. Aí acabou muita coisa que não tem hoje, que nem o Chiba, o Fandango. Aqui tinha tudo isso. A única coisa que tem dessa cultura é a Folia de Reis e ela é muito forte. É o nascimento de Cristo. Não é brincadeira."

Elson Ramos

Sou otimista, não vejo que a Folia de Reis vai acabar porque hoje eu vejo as crianças acompanhando e algumas tocando a folia. Teve um ano que nós tocamos, que antes da gente começar a tocar um grupinho de cinco-seis crianças saíam fazendo a folia. Os adultos falaram 'vocês estão tocando a folia fora de época', deixa eles tocarem assim. Então eu sinto que a folia não vai acabar porque tem uma geraçãozinha que está abraçando, está no sangue, tem ritmo, eles sabem. Mas, é preciso fazer um trabalho mais focado nas crianças e a gente precisa melhorar muitas coisas entre o grupo mesmo, ajudar nisso, já que a gente vem mantendo a tradição, eu acredito que é por aí o caminho."

Onildo da Apresentação

“... as coisas que são desse lugar mesmo...”

As coisas que são desse lugar mesmo: a pesca, o artesanato, a cultura, o modo de vida, a escola podia fazer um trabalho desses com as crianças. Porque as crianças, elas tem uma educação totalmente desassociada a cultura do mundo rural que elas vivem sabe? Aí o que acontece, as crianças vão pra cidade e é lá que elas começam a mudar totalmente os valores delas.”

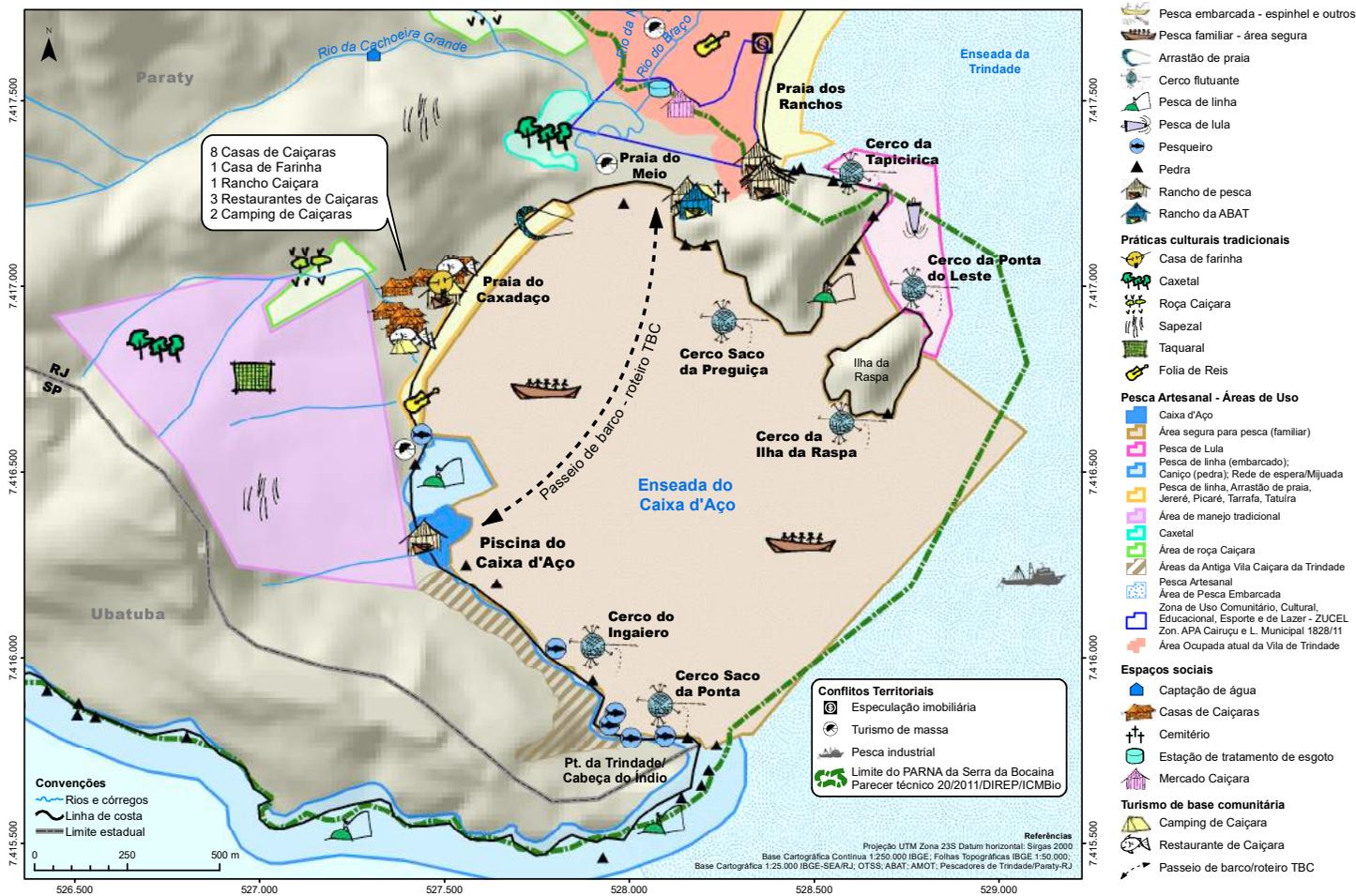
Noé Brienza Lopes

Antigamente ninguém ensinava, só que você tava com seu pai toda hora, junto com seu pai tava um outro cara que também fazia outra coisa e os dois iam conversando e falando assim ‘ah que madeira! Ah que bicuiba tá aqui, isso dá uma canoa! Ah que touceira de cipó tá aqui, vamos levar um cipó pra fazer samburá!’. Então no mato um conversando com o outro, seu pai ou seu tio trazia um cipó, ficava ali descascando e você ficava vendo e acompanhando e falavam ‘ah, esse aqui tá maduro’, você acompanhando, você vendo desde o começo. Não era uma vez, duas vezes, aí outro dia ia cortar uma taquara, aí você ficava de olho, fazia uma pergunta ou outra, então você vivenciava tudo porque desde criança acompanhava tudo e de curioso fazia. Aí hoje ensinar uma criança a fazer o samburá até ensina, mas tem que mostrar onde tem e como pega o cipó na mata. Se hoje morre o antigo que sabe pegar o cipó, aí ele sabe fazer o artesanato, mas não sabe como tirar o cipó, a madeira, então não adianta nada. Hoje a molecada não vai pro mato junto com os mais velhos, querem fazer outras coisas. Isso dificulta. É um processo que depende muito de convivência no mato, ouvindo desde pequeno ouvindo e vivenciando aí você consegue pegar o fio da meada.”

Robson Dias Possidônio

“O CAIXA D’AÇO É A VIDA DESSA COMUNIDADE!”

Pesca Artesanal na Comunidade Tradicional Caiçara de Trindade, Paraty, RJ - Enseada do Caixa d'Aço



“Se manter aqui no Caixa d’Aço é uma questão de identidade, de vivência”

Morar aqui é muito bom! Eu nasci e me criei na vila, mas meu marido era daqui do Caixa d’Aço. Ele nasceu e se criou aqui, a mãe dele e o pai eram daqui. E eu me casei e vim pra cá, aqui tive meus filhos, que cresceram aqui. Atravessava as pedras pra levar meus filhos pra escola, era um prazer. Esperava na casa da minha mãe, acabava

as aulas e eu trazia eles pra casa, todo dia era assim. Aqui a gente tinha roça, plantava feijão, milho, batata doce e inhame, fazia nossa farinha. Nossa, a gente tinha bastante coisa, tinha minha horta, colhia muita verdura, levava na vila, às vezes vendia alguma coisa e dava também o que sobrava. Depois a gente fez o barzinho, começamos a trabalhar vendendo porção. Fazia bolinho de banana, nossa o meu bolinho era um sucesso, pão caseiro. Era um prazer pra mim, porque eu nunca tinha feito aquelas coisas. Depois comecei a trabalhar assim com o turismo e o pessoal adorou, gostava da minha comida, do meu feijão, do meu arroz, meu peixe. Eu fazia peixe seco, no dia que não tinha peixe fresco pra fazer o prato e tinha bastante peixe seco, que o Jacó trabalhava tinha rede e a gente secava o peixe. Meus filhos se criaram bem de saúde e tudo, gostavam de ir ao mar, tomar banho, não tinha perigo deles tomarem banho, a gente tava olhando. Antes a gente tirava nosso sustento daqui, hoje a gente colhe umas bananas. Roça mesmo não pode mais fazer por causa do IBAMA, a gente não pode mais roçar e plantar as coisas. Por enquanto, a gente tá meio atrapalhado com esse negócio, fica com medo de mexer, cortar uma árvore, de roçar pra fazer horta, plantar mandioca. Não sei quando vão liberar pra gente fazer nossa roça, eu tenho saudade da minha roça, como eu gostava de ter minha rocinha, ia lá buscava mandioca e a gente fazia farinha. Quero continuar aqui, nossa casinha tá em pé ainda. Tomara que ela fique firme, porque se ela cair não sei como seria pra reformar. Mas ela tá forte, essa casa tá com não sei quanto tempo, tá bem velhinha. Mas, a gente vai conservando ela.”

Marta da Apresentação

A vida aqui no Caixa d’Aço é diferente da vila. Aqui tudo é diferente, o acesso, toda a parte da economia é diferente, é bem definido isso. Hoje são só duas famílias que mantêm, eles sempre foram mais da lavoura no Caixa d’Aço. Lá na vila o progresso chegou antes. Se manter aqui no Caixa d’Aço é uma questão de identidade, de vivência. É uma coisa muito complexa porque é um lugar de difícil acesso, com pouca comunicação. Então tudo aqui é feito assim na força e na raça, mas sem perder a ternura e a esperança.”

Maria Guadalupe B.P. Lopes

O Caixa d’Aço é importante pra mim porque aqui está toda a minha história, tudo o que eu aprendi, tudo o que eu aprendo e continuo aprendendo. Aqui está toda minha infância, minhas relações familiares. Aqui está as lembranças que eu tenho, as lembranças que eu tenho com meu pai, com meu avô, com minha mãe, com meus amigos. É aqui que eu recebo meus amigos, as pessoas que eu quero bem. E cada cantinho do Caixa d’Aço, cada lugar aqui para mim é uma história porque é a minha vida, é aqui que eu pertencço. E é importante eu manter isso porque a lembrança faz parte da vida né? É através da lembrança que você consegue recordar um passado bom, uma vida boa que você teve. O Caixa d’Aço para mim é isso, é uma vida boa que eu tenho. Eu quero ter minha família dentro do Caixa d’Aço, eu quero ter meus filhos aqui no Caixa d’Aço, eu quero que meus filhos tenham a oportunidade que eu tive e que eu tenho, que é ter isso daqui como um lugar que eles possam brincar. Uma infância e uma vida maravilhosa que eu tive e tenho. Eu quero poder ter a minha casa onde meus filhos possam crescer aqui, ir para escola e voltar. Hoje eu não posso, eu tenho que ficar aqui na casa da minha mãe, porque eu tenho um território que não é totalmente meu. E eu espero que meus filhos já estejam com isso bem certo, eu quero ter a casa para os meus filhos, a sala deles, o quarto deles. Hoje eu não posso, não tenho um cantinho meu.”

Jacira B.P. Lopes

Eu vejo meu futuro aqui no Caixa d’Aço, não vejo em outro lugar. Eu me vejo aqui no Caixa d’Aço trabalhando, surfando, pescando, nadando, correndo na praia, plantando. Minha vida é aqui, por enquanto eu não me imaginei fora daqui. Isso não passa na minha cabeça, nem um momento. Às vezes eu fico com medo do Parque vir e tirar a gente. Mas, Deus é maior e meu pai está no céu olhando por nós. Daqui a gente não sai. Porque acho que se um dia eu sair daqui para mim não tem mais sentido, vai ficar um vazio muito grande. E pra mim não faz sentido nenhum eu ficar aqui no Caixa d’Aço se eu não tiver o direito da minha terra porque eu nasci aqui. Meu pai nasceu aqui, minha vó morreu aqui. Isso aqui é meu e da minha família, isso aqui não é do governo.”

Jacira B.P. Lopes

“A vida da Trindade em matéria de pesca é o Caixa d’Aço”

A vida da Trindade em matéria de pesca é o Caixa d’Aço. Cai qualquer tempo, ai você pega um vento de canoa, vai até o Caixa d’Aço. É onde tá o abrigo da Trindade, o abrigo da comunidade, em matéria de pesca é o Caixa d’Aço, não tem outro. Você pesca em vários lugares aqui, mas o Caixa d’Aço é a pesca principal.”

Jair Anunciação

A área do Caixa d’Aço é a mais abrigada que a gente tem, é a região de mar mais calmo tanto para nós quanto pro peixe. É onde se consegue pescar o ano todo, outro lugar a gente não consegue. E é justamente a área que está em desacordo entre a comunidade e a unidade de conservação.”

Robson Dias Possidônio

O que é a Caixa d’Aço? Uma piscina natural, lá é um dos nossos pontos de parada. Por ser uma caixa protetora mesmo, guardar aqui o que dá pra gente tirar e a rede fica ali ancorada. Aqui na Baía do Caixa d’Aço a gente pesca com rede de fundo, com rede boiada, de espinhel e de cerco. Pra ter uma ideia, a lula quando chega, ela fica nas áreas em volta da piscina natural. Então, assim são pontos estratégicos mesmo. Não existe possibilidade da pesca sair daqui pra outro

lugar, porque acaba a pesca por aqui na Trindade.”

Robson Dias Possidônio

Há 40 anos o porto ainda era a piscina natural do Caixa d’Aço. Ele foi desativado há uns 15 anos mais ou menos, a vida todinha da pesca girava naquele rancho da piscina.”

Maria Guadalupe B.P. Lopes

Aqui pesca todo mundo. Aqui pesca a comunidade. Aqui pesca homem, mulher e criança. A mulher se sente segura de ir.”

Jeremias de Oliveira Rosa

Hoje existe um temor, um medo até de passar na praia com uma vara de pesca, um samburá. Você vai pegar um camarão, alguém vai te denunciar, você vai pescar pra cá e fica em cima da pedra, você não sabe se estão te olhando pra denunciar, porque pra fora da piscina é tudo pesqueiro da gente. Isso tudo foi passado, tudo que a gente viu, a gente vai aprendendo, a gente sabe os lugares, às vezes você nem precisa ir muito longe pra pescar, você vai num buraquinho, sabe que tem o peixe, é só um que você precisa, e vem embora com o peixe pra comer.”

Onildo da Apresentação

Na Praia do Meio fica nossa área de conserto de rede, de colocar o barco que vem com o cerco, pra deixar a rede secar e costurar toda a rede pra depois colocar a rede de volta pro mar. É uma área que não pode ter turista pisando em cima porque pode machucar e estragar a rede.”

Lindonaldo Almeida



Foto: Apresentação do conflito da pesca artesanal com o PNSB no Encontro de Justiça Socioambiental da Bocaina (Quilombo do Campinho, Paraty, RJ, abril/2014)

“O que vamos fazer pra não ficar o tempo todo no embate”

Essa preocupação com a preservação é também nossa porque somos os beneficiados diretos. Pra nós a preservação é mais do que interessante, ela é super, hiper interessante. Foi isso que eu aprendi com os mais velhos, ‘não mata esse filho de Baru! Isso aí é o peixe grande de amanhã’. ‘Não mata esse peixe, isso aí não se come. Não mata esse cipó aí, se você cortar esse cipó, você não tem cipó’. Então, assim eu aprendi e venho aprendendo hoje, a forma como usa, a forma que o pai vai cortar a madeira, a preservação da madeira.

Robson Dias Possidônio

Considero que nós somos os guardiões dessa área da Trindade. Nós, pescadores, não somos contra a unidade de conservação. Isso pra nós talvez seja uma benção, nos ajuda a agregar valor, ajuda a preservar, ajuda que minha filha, meu filho ou meu neto tenham direito também de pescar o peixe sadio com qualidade”

Robson Dias Possidônio

Nós nos sentimos prejudicados dentro da área do Caixa d’Aço porque fomos rotulados como pesca predatória, uma atividade que não deve existir. Eu acho que a pesca artesanal não é predatória. Eu acho não, eu tenho certeza, ela não é predatória de maneira alguma. Nós, como seres humanos respiramos, fazemos todas as necessidades, precisamos comer, vestir e fazendo isso a gente precisa sacrificar talvez um boi pra comer, um peixe pra comer, um alface, um agrião, uma fruta pra comer. E isso de certa forma também é impacto. Então, de certa forma, nós precisamos causar impacto. Então, se a gente pode causar menos impacto possível, eu acho que esse tipo de pesca causa menos impacto possível comparado com outras realidades que vem vindo com a evolução, eu prefiro essa artesanal.”

Robson Dias Possidônio

Sabe o que o ICMBio falou? Se a gente chegar num acordo de pesca, num termo de ajustamento de conduta igual esse dos pescadores de Tarituba com a Esec Tamoios, os pescadores que não são nativos não teriam direito. Eu vejo eles como pescadores!.”

Robson Dias Possidônio

A primeira coisa que eu quero é a titulação da terra no Caixa d’Aço. Quero ter a certeza que quando eu morrer, os meus filhos tenham a titulação de uma terra, uma segurança para que eles possam continuar o que eu e o pai deles demos início, os antepassados do meu marido. Cada filho com sua casa para ter as próximas gerações aqui dentro. Queria ter a parceria com a unidade de conservação, porque eu acho que é um território que precisa de proteção, é uma praia. Mas, é uma proteção que tem que vir conosco, uma parceria, essa é a única saída. E poder ter a minha roça de subsistência, ter as minhas hortas orgânicas, todo esse turismo de base comunitária já que aqui é um lugar turístico. Então a gente conseguir manter o restaurante, cada vez com mais qualidade, plantando organicamente, tendo peixe sempre fresco e poder oferecer isso para o turista. E passar para as pessoas, o quanto é importante elas valorizarem esses espaços enquanto elas tiverem aqui. Porque isso aqui é para as futuras gerações.”

Maria Guadalupe B.P. Lopes

A ABAT firmou pé e tá organizada para continuar fazendo o passeio de barco levando os turistas para a piscina do Caixa d’Aço e outros lugares. A gente conhece o mar. Não vamos abrir mão pra uma empresa de fora que o Parque queira trazer!”

Robson Dias Possidônio



Foto: Barqueiros da ABAT levando turistas na Piscina do Caixa d’Aço



Foto: Mutirão de Construção do Rancho da ABAT na Praia do Meio

O que queremos pro nosso futuro?

- Ter nosso território caiçara e pesqueiro reconhecido
- A Enseada do Caixa d’Aço continuar como nossa área de pesca artesanal e de lazer da comunidade
- As famílias caiçaras que vivem na Praia do Caixa d’Aço, na Praia do Meio e na Cachoeira Grande, continuarem lá com segurança fundiária, podendo fazer sua horta, sua roça, casa dos filhos pra criar os netos...
- Ter áreas de uso coletivo na Vila da Trindade, sem a pressão da especulação imobiliária.

Pra que isso aconteça

- Defendemos a criação de uma Reserva Extrativista em todo o território pesqueiro das comunidades caiçaras de Trindade e vizinhas, em terra e mar.
- Até que a Resex seja criada, queremos obter o Termo de Autorização de Uso Sustentável – TAUS, da Secretaria de Patrimônio da União, para garantir as áreas de moradia, de pesca artesanal e estruturas de apoio, turismo de base comunitária e de outras práticas caiçaras nas terras da União.
- E formalizar a parceria entre ABAT e Parque da Bocaina para a realização dos passeios de barco até a piscina do Caixa d’Aço e outros lugares, fortalecendo o turismo de base comunitária.
- Queremos a implantação, regulamentação e o uso coletivo da Zona de Uso Comunitário, Esportivo, Educacional, Cultura e Lazer – ZUCEL (Lei Municipal 1828/2011 e Plano de Manejo da APA Cairuçu).



CARTOGRAFIA DA
CARTOGRAFIA SOCIAL



OBSERVATÓRIO
DE TERRITÓRIOS SUSTENTÁVEIS E
SAUDÁVEIS DA BOCAINA



Ministério da Saúde
FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz

FÓRUM DE
COMUNIDADES
TRADICIONAIS
ANGRA • PARATY • UBATUBA



Ministério da Saúde
Fundação Nacional de Saúde



UEA
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DO
AMAZONAS



FORD FOUNDATION

